

XVI INSIGHTS

MANIFESTO

A Transformação da Infraestrutura Financeira Brasileira

Uma visão institucional da XVI Capital



XVI Insights | Publicação 04

A transformação da infraestrutura financeira brasileira

Porque PIX, Open Finance, duplicata escritural, FIDCs e Drex estão redesenhando a base econômica da saúde suplementar.

Publicação institucional | XVI Capital | Junho de 2026

XVI Insights | Publicação 04 - A transformação da infraestrutura financeira brasileira



“

**A infraestrutura financeira do país
está evoluindo mais rápido
do que a maioria das instituições percebe.** ”

Esta publicação discute como a modernização da infraestrutura financeira brasileira cria condições para um novo ciclo de eficiência econômica na saúde suplementar.

1. Por que esta discussão importa para a saúde suplementar

A saúde suplementar brasileira costuma discutir eficiência por meio de indicadores assistenciais, sinistralidade, qualidade clínica e tecnologia. Esses temas continuam centrais. Entretanto, uma transformação silenciosa está ocorrendo em paralelo: a infraestrutura financeira do país está evoluindo de forma acelerada.

PIX, Open Finance, duplicata escritural, FIDCs, APIs, registradoras e o avanço do Drex não são movimentos independentes. Juntos, eles criam novas condições para registrar, financiar, transmitir, conciliar e liquidar ativos financeiros em uma base muito mais integrada do que a vigente poucos anos atrás.

Para a saúde suplementar, o impacto potencial é profundo. Cada procedimento realizado, cada conta médica homologada e cada nota fiscal emitida gera, ao mesmo tempo, um evento assistencial e um direito de crédito. Quando a infraestrutura financeira amadurece, esse direito de crédito deixa de ser apenas um registro administrativo e passa a poder circular com mais rastreabilidade, segurança jurídica, governança e liquidez.

Em um setor marcado por prazos alongados de recebimento, capital de giro pressionado e crescente busca por eficiência, essa mudança não deve ser observada como tendência periférica. Ela altera os fundamentos econômicos da relação entre operadoras, rede prestadora, investidores e plataformas tecnológicas.

TESE CENTRAL

A modernização da infraestrutura financeira brasileira não cria apenas novos instrumentos de pagamento; ela cria uma nova base operacional para transformar recebíveis assistenciais em ativos financeiros mais líquidos, rastreáveis e financiáveis.

Cinco movimentos que explicam a mudança de infraestrutura

O tema não se resume a um novo produto financeiro. Trata-se de uma mudança sistêmica na forma de pagar, registrar, financiar e liquidar

PIX

Liquidação instantânea 24/7 e nova referência de experiência de pagamento

Open Finance

Compartilhamento padronizado de dados e novos serviços financeiros

Duplicata escritural

Registro eletrônico, rastreabilidade e segurança jurídica do recebível

FIDCs

R\$ 741,1 bi de PL em nov/2025, ampliando funding para a economia real

Drex

Nova camada para ativos digitais, tokenização e liquidação programável

Na saúde suplementar, esses movimentos convergem para um ponto: a transformação do recebível assistencial em ativo financeiro com dados, governança e liquidação integrada

2. A mudança de infraestrutura: do pagamento ao ativo financeiro

O primeiro salto recente foi a mudança na infraestrutura de pagamentos. O PIX consolidou a expectativa de liquidação instantânea e funcionamento contínuo. Esse novo padrão alterou a experiência de usuários, empresas e instituições, reduzindo a tolerância a processos lentos, fragmentados e excessivamente manuais.

O segundo salto ocorreu na camada de dados. Com o Open Finance, o sistema brasileiro passou a evoluir para um ambiente de compartilhamento padronizado de informações e desenvolvimento de serviços financeiros mais integrados.

O terceiro salto diz respeito ao próprio recebível. A duplicata escritural fortaleceu a migração do título físico para uma lógica eletrônica de registro, controle e rastreabilidade. Ao mesmo tempo, o mercado de FIDCs ampliou sua capacidade de financiar ativos da economia real, incluindo recebíveis de cadeias complexas.

Por fim, o avanço do Drex e das discussões sobre tokenização aponta para uma infraestrutura capaz de suportar ativos digitais, liquidações programáveis e novas formas de automação financeira.

Linha do tempo da transformação de infraestrutura

Cada etapa aumentou a capacidade do sistema de lidar com dados, pagamentos e ativos financeiros de forma integrada



Arquitetura da nova infraestrutura financeira

O valor está na conexão entre camadas que antes operavam de forma separada



3. O que muda para operadoras, prestadores, investidores e ERPs

Para operadoras, a agenda deixa de ser apenas “como pagar” e passa a incluir “como estruturar uma política de pagamentos compatível com um ecossistema financeiro mais integrado”. Isso envolve qualidade de dados, integração com sistemas, gestão de status, governança de cessões e previsibilidade de liquidação.

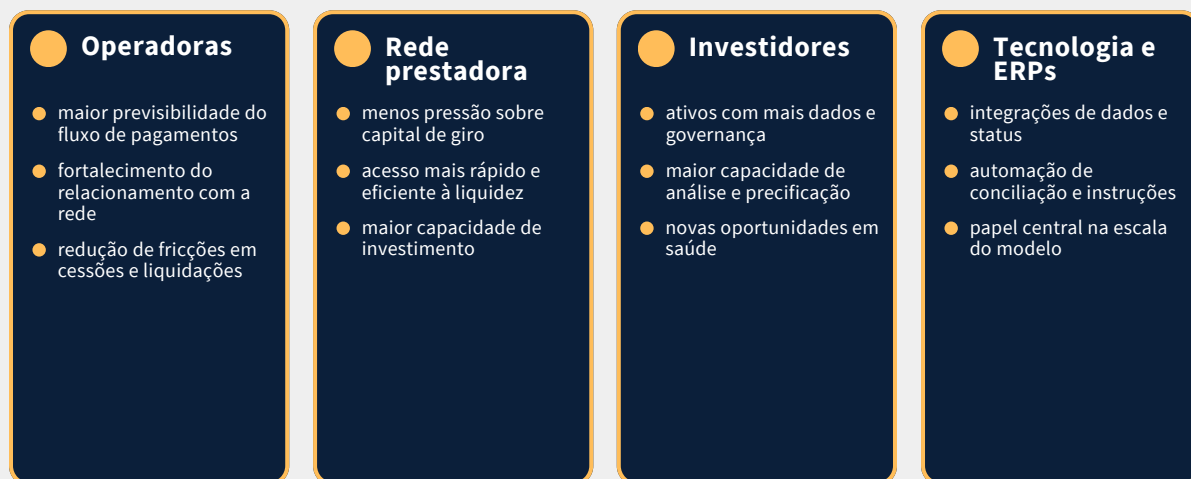
Para a rede prestadora, a principal implicação está na possibilidade de reduzir a pressão estrutural sobre capital de giro, desde que existam informações confiáveis, critérios claros de elegibilidade e infraestrutura operacional para suportar programas institucionais de liquidez.

Para investidores, a transformação aumenta a qualidade potencial do ativo subjacente. Recebíveis com melhor documentação, status verificável, governança e liquidação organizada tendem a apresentar melhor capacidade de análise e precificação.

Para plataformas tecnológicas e ERPs, a mudança é ainda mais relevante: sem integração de dados, titularidade, cessão, conciliação e pagamento, o mercado não escala. A tecnologia deixa de ser apenas ferramenta administrativa e passa a atuar como camada essencial da infraestrutura financeira.

Arquitetura da nova infraestrutura financeira

O valor está na conexão entre camadas que antes operavam de forma separada



PERGUNTA PARA CONSELHOS

A instituição está apenas observando a evolução do sistema financeiro ou está se preparando para operar de forma competitiva dentro dele?

4. Por que a saúde suplementar pode se beneficiar mais do que outros setores

A saúde suplementar reúne características que tornam essa evolução particularmente relevante. Em primeiro lugar, trata-se de uma cadeia intensiva em serviços, com fluxo contínuo de eventos assistenciais e alto volume de contas a receber.

Em segundo lugar, a relação entre prestadores e operadoras costuma envolver ciclos relevantes de auditoria, validação e pagamento, o que aumenta a importância da previsibilidade financeira.

Além disso, a qualidade assistencial depende diretamente da capacidade de investimento das instituições. Quando hospitais, clínicas e laboratórios carregam, por longos períodos, o custo do capital de giro do sistema, parte da pressão econômica retorna à cadeia sob a forma de renegociações, menor capacidade de expansão e perda de eficiência.

Uma infraestrutura financeira mais moderna pode reduzir esse atrito sem alterar a essência da relação assistencial. O objetivo não é “financeirizar a assistência” no sentido pejorativo do termo. O objetivo é permitir que a cadeia opere com menor fricção e mais inteligência econômica.

5. A agenda executiva para os próximos anos

A transformação não ocorrerá por um único projeto nem por uma única solução. Ela exigirá uma agenda gradual de diagnóstico, integração, governança e escala.

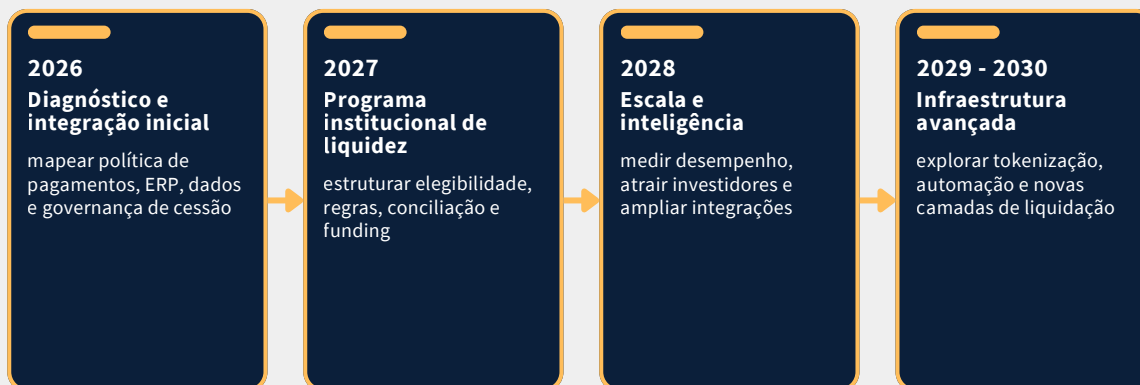
No curto prazo, instituições líderes tendem a mapear suas rotinas de pagamento, seus ERPs, o nível de qualidade dos dados e a governança necessária para suportar modelos de cessão e liquidação mais estruturados.

No médio prazo, a agenda se desloca para programas institucionais de liquidez, integrações tecnológicas, relacionamento com investidores e melhoria de métricas de desempenho.

No horizonte mais longo, o debate poderá incorporar novas camadas de automação, tokenização e liquidação programável, à medida que a infraestrutura do mercado brasileiro amadureça.

Roadmap executivo | 2026 - 2030

Uma agenda plausível para instituições que desejam preparar sua infraestrutura financeira.



VISÃO DA XVI CAPITAL

A oportunidade estratégica não está em reagir pontualmente a novas tecnologias, mas em construir uma infraestrutura financeira institucional que conecte assistência, dados, funding e liquidação de forma consistente.

6. Conclusão: a infraestrutura como vantagem competitiva

Nos próximos anos, a vantagem competitiva das instituições de saúde não dependerá apenas de escala assistencial, marca ou eficiência operacional. Ela dependerá também da capacidade de operar em uma infraestrutura financeira mais inteligente.

Quem entender cedo essa mudança poderá reduzir atritos, ampliar liquidez, fortalecer a rede prestadora e se posicionar melhor diante de investidores e parceiros tecnológicos. Quem ignorá-la pode continuar operando com processos compatíveis com o passado, em um sistema financeiro que já está se movendo para outra direção.

É por isso que a discussão sobre infraestrutura financeira deixou de ser um tema técnico para se tornar uma agenda estratégica de Conselho, Diretoria Financeira, TI e relacionamento com a rede.

Cinco reflexões para Conselhos e Diretorias

1. A política de pagamentos da instituição está preparada para um ambiente com mais dados, mais registro e mais exigência de governança?
2. O ERP da organização consegue lidar, de forma estruturada, com status, cessões, liquidações e conciliações financeiras em escala?
3. Quais recebíveis da instituição ou da rede prestadora poderiam se beneficiar de uma infraestrutura mais moderna de funding e liquidez?
4. A instituição deseja liderar esse movimento em sua rede ou apenas reagir quando a demanda de mercado se tornar inevitável?
5. Que ganhos estratégicos poderiam surgir de um programa institucional que conecte operadora, prestador, tecnologia e investidores?

Notas, fontes e referências

Esta publicação possui natureza institucional e estratégica. Não constitui oferta pública de valores mobiliários, recomendação de investimento, consultoria jurídica, regulatória, contábil ou tributária. As interpretações apresentadas refletem a visão da XVI Capital sobre tendências estruturais da infraestrutura financeira brasileira e seus possíveis impactos para a saúde suplementar.

- Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS). Notícias “ANS divulga números de beneficiários em abril” e “ANS divulga números de beneficiários em março”, publicadas em 2026.
- ANBIMA. Informe “FIDCs ampliam base de investidores, com destaque para o varejo”, publicado em 24/12/2025, e dados da indústria de fundos de investimento.
- Banco Central do Brasil. Páginas institucionais sobre PIX, Open Finance, Drex e Piloto Drex.
- Lei nº 13.775, de 20 de dezembro de 2018. Dispõe sobre a emissão de duplicata sob a forma escritural.
- Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Informações e dados abertos sobre fundos de investimento e mercado de capitais.